

Capítulo Geral da Ordem Cisterciense
Homilia da Missa votiva do Espírito Santo
na abertura do Capítulo Geral
Roma 07 de outubro de 2015

Leituras: Joel 3, 1-5; João 7,37-39

Queridos irmãos e irmãs,

a Missa votiva do Espírito Santo é o verdadeiro início de um Capítulo Geral, e de cada assembléia eclesial. É como fazer uma respiração profunda, que permite de iniciar um caminho, de pronunciar uma frase ou de cantar uma canção. Toda criança que nasce, deve começar a viver no mundo, com uma grande inspiração, respirando fundo. Se isto não acontece, a criança morre, sufoca. O seu coração já batia no ventre de sua mãe, mas a grande novidade do nascimento é que a criança deve respirar. E este ato fundamental da existência humana, é provocado por uma necessidade dramática, que, aliás, coincide com o primeiro choro do recém-nascido. A necessidade de respirar, a necessidade de ar, oxigênio, é o primeiro grito, o primeiro pedido, talvez a primeira oração de nossa vida. Falta-nos alguma coisa, sem a qual, não podemos viver.

Talvez neste momento inicial da vida, o ser humano revive simbolicamente o instante misterioso em que o primeiro Adão, modelado com o barro, recebeu diretamente de Deus o sopro da vida, como diz o livro de Gênesis: "O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7).

Toda vida humana recomeça daí, a partir deste ser matéria, terra, na qual, Deus transmite um sopro de vida, que é uma imagem simbólica, que vem, justamente, da nossa necessidade de respirar, para expressar um mistério muito mais profundo, o mistério da nossa necessidade do Espírito Santo para viver verdadeiramente, para ser os "seres viventes", que vivem da vida de Deus.

Ao início de qualquer coisa, ao início de cada dia, de cada momento da vida, de cada obra, de cada encontro, devemos, portanto, nos tornar como crianças recém-nascidas "*quasi modo geniti infantes*" (1Pt 2,2), cuja primeira necessidade é receber o sopro que permita viver. São Bento nos lembra ao início da Regra: "Antes de tudo, quando começares a fazer uma qualquer obra boa, pede, insistindo na oração, que seja por [o Senhor] plenamente realizado" (RB Prol. 4).

Não há início de uma obra boa, não há início de uma obra que alcança a realização, se não partimos da nossa necessidade do Espírito Santo, para que se encarne em nossos corações, em nossas vidas, em nossos encontros, em nossas palavras, em toda a nossa humanidade. Toda obra é boa se é obra de Deus, se é obra animada por Deus, pelo Sopro vital de Deus. Deus quer que sejamos nós a operar, que a nossa liberdade aja, que as nossas faculdades se ativem, que a nossa criatividade se exprima, mas somente se somos animados pelo Espírito Santo, a nossa obra poderá

realizar-se como obra boa de Deus. E a única maneira de enxertar na vida de Deus, é o ato de nossa liberdade que pede, reza, pergunta. E se a obra deve ser comun, Deus ama que peçamos juntos, que peçamos unidos. Foi assim que começou e continua sempre a grande obra de Deus que é a Igreja: "Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele" (At 1,14). Lembra-nos, justo hoje, a memória de Nossa Senhora do Rosário.

"Depois disso, derramarei o meu Espírito sobre todo ser vivo: vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos anciãos terão sonhos, e vossos jovens terão visões. Naqueles dias, derramarei também o meu Espírito sobre os escravos e as escravas." (Jl 3,1-2)

Em que consiste esta capacidade profética dada a todos, dos quais, fala aqui o profeta Joel? Na verdade, também agora que os tempos messiânicos anunciados por Joel se realizaram, também depois de Pentecostes, vemos muito bem, como São Paulo, que nem todos são apóstolos, nem todos são profetas ou mestres, nem todos fazem milagres, nem todos falam línguas... (cfr. 1 Cor 12,29-30). Em que sentido, então, somos todos profetas? Joel faz-nos compreender logo depois: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo" (Jl 3,5).

O dom profético universal, feito a todos os que creem, é aquele de saber quem devemos invocar, de conhecer o Nome divino, a Presença Divina, a quem voltar nossa mendicância, a quem mendigar a Salvação, o Sopro vital que nos permite viver e que dá vida ao mundo. Somos todos profetas se invocamos o Senhor, mas também se manifestamos aos outros, a todos, com as nossas orações, quem é Aquele que nos salva, quem é que nos salva real e certamente; quem é Aquele que nos ouve, que é carinhosamente atento a todos os pequenos que clamam a Ele.

Somente quem mendiga, quem reza, é profeta com autoridade; somente quem invoca de Deus a salvação, é um profeta credível, do qual, podemos confiar, do qual podemos pedir o discernimento que nos orienta, a correção que nos recoloca no caminho certo.

Por isso, no início de um Capítulo Geral, como de cada reunião na Ordem, e em cada comunidade, é importante partir da consciência que a verdadeira profecia, aquela que nos iluminará nestes dias, mas também aquela que somos chamados a expressar no mundo, é, antes de tudo, a profecia da oração, da invocação do Senhor que nos salva. Somos profetas, se testemunhamos que a salvação a pedimos à Jesus Cristo, não à nós mesmos, às nossas forças e capacidades, ou poder do mundo.

Também no Evangelho que ouvimos, Jesus coloca em evidência sua pessoa como Aquele que podemos e devemos invocar para ter a salvação. Jesus está de pé e clama (Jo 7,37). É claro para a visão e audição, é claro para a fé, quem devemos chamar, que Nome devemos invocar, que Salvação podemos alcançar. Jesus se define como Aquele a quem recorrer, para obter o Espírito em abundância. "Rios de água viva" fluem do Seu seio e do nosso seio, se donamos à Cristo a nossa sede, se sedentos, mendigamos Dele, a água viva.

Quem oferece a Cristo a própria sede na oração, se torna uma fonte de vida para os outros.

Por isso, também durante o Capítulo Geral, se quisermos obter mais vida e vitalidade para as nossas comunidades, se quisermos obter o Espírito Santo para a Ordem, a nossa primeira preocupação deve ser aquela de mendigar, de levar à Cristo a nossa sede, e de levá-lo a sede dos irmãos e irmãs que representamos, e de todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, nos foram confiadas, que foram confiadas à nossa oração, ao nosso cuidado pastoral, ao nosso compromisso educativo, ao nosso acolhimento e assistência.

Não serviria para nada vir aqui com a pretensão que nós resolveremos os problemas, ou para ganhar espaços de força e poder para nossas comunidades. Isto não seria sede de Deus, mas sede de domínio, que não acolhe a água viva do Espírito. Deus nos pede, em vez, de partilhar entre nós a nossa fraqueza, de unir as nossas necessidades, comunicar-nos, uns aos outros, a sede que temos Dele e a sede do mundo. Então, realmente, rios de água viva, rios de graça poderão fluir de Cristo em nós, e de nós em nossos irmãos e irmãs, em todos. O Coração de Cristo é uma fonte do Espírito Santo, que se derrama, sempre mais abundantemente, quanto mais se alarga e aprofunda a sede que se sacia Nele.

São João termina este episódio dizendo que quando Jesus falou assim "não fora dado ainda o Espírito, visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado" (Jo 7,39), fala da glorificação de Jesus, na ressurreição e ascensão ao Céu, mas creio que devemos entender esta palavra também no sentido da glorificação que a Jesus deva vir de nós. Recebemos o Espírito, se damos glória ao Filho, e por Ele ao Pai. Recebemos rios de água viva, se vivemos para a glória de Cristo, isto é, se O adoramos, se O preferimos, como São Bento nos ensina: "Nada absolutamente antepõem a Cristo" (RB 72,11).

A profecia é, portanto, invocação, mas também preferência. É uma mendicância que prefere, que glorifica, que confia em Jesus mais que todos, mais do que nós mesmos. Uma preferência que pede tudo somente a Cristo. A mendicância que pede somente Cristo. E isto O glorifica, e Lhe permite derramar sobre nós, a sua preferência do Pai, o Espírito Santo.

A nossa responsabilidade é aquela de guiar as nossas comunidades, cada um de nossos irmãos e irmãs, essencialmente a rezar preferindo Jesus Cristo, a rezar amando, glorificando e adorando o Senhor. Então, o Espírito poderá ser-nos dado em abundância, e a Ordem e cada comunidade, poderão tornar-se realmente proféticas, evangelizadoras, isto é, sinais da glória de Cristo para o mundo inteiro.

*Fr. Mauro Giuseppe Lepori-
Abade Geral OCist*